FEST – Filemom Escola Superior de Teologia
“Formando Obreiros Aprovados”

DISCIPULADO

INTRODUÇÃO

A classe de novos convertidos na Escola Dominical é uma expressão ou extensão do amplo Ministério do Discipulado.

O Discipulado é um ministério pessoal, ilimitado e flexível. É uma das formas mais rápidas de aumentar o número de batismos e aprofundar a qualidade de vida dos que são alcançados para Cristo.

Antes de conhecer as peculiaridades de sua classe e os métodos mais adequados a serem adotados, o ensinador de Novos Crentes precisa saber de antemão o que significa ser discípulo. Quem não é discípulo não pode fazer discípulos!

A palavra "discípulo", mathetés, é usada 269 vezes nos Evangelhos e em Atos. Significa pessoa "ensinada" ou "treinada", aluno, aprendiz. (Texto-base: Mt 28.19,20.)

Nos Evangelhos, Jesus define a palavra discípulo de cinco maneiras:
1) Discípulo é um crente que está envolvido com a Palavra de Deus de maneira contínua (Jo 8.31).

2) Discípulo é aquele que ama sacrificialmente, sem medir esforços (Jo 13.35; 1 Jo 3.16).

3) Discípulo é alguém que permanece diariamente em união frutífera com Cristo (Jo 15.8). 4) Discípulo é aquele que assume a sua cruz e segue a Cristo (Lc 14.27).

5) Discípulo é aquele que renuncia tudo que tem (Lc 14.33).

I. O PERFIL DOS ALUNOS

Quem são seus alunos? Naturalmente são novos convertidos. A diferença e a ênfase está justamente nisto: não são alunos comuns.

1. São como crianças recém-nascidas em Cristo que precisam ser identificadas logo após o nascimento.

O pecador se arrepende; o Espírito Santo o regenera (novo nascimento) = conversão.

Devem ser recepcionados imediatamente após a conversão e identificados, através da "Ficha de identificação e triagem".

Na triagem:

Oferece literatura;

Orienta sobre os principais trabalhos da igreja;

Orienta quanto a matrícula na EBD: ideal orientadores para cada faixa (crianças, adolescentes, jovens e adultos).

Qual a finalidade da identificação?

Ter como localizá-los.

Conhecer a realidade de seus alunos.

Sondagem, Coleta de dados, Conhecimento da realidade, Diagnóstico, Estratégia de Trabalho, (Nome, endereço, data de nascimento, data da decisão, origem religiosa, sua relação com a comunidade, histórico familiar, nível sócio- econômico, cultura, necessidades pessoais, limitações físicas; perguntas dos tipo: É a primeira vez que está se decidindo? Está vindo de outra igreja? Qual? Quanto tempo esteve por lá?).
Elaborar programa de assistência.

Formar comissões de visitadores (que atendam as peculiaridades dos decididos: idade, sexo, formação etc.)

"A salvação é de graça, mas o discipulado custa tudo o que temos." Billy Graham

Você precisa conhecê-los realmente! Vamos fazer um teste? Pense em três novos convertidos de sua igreja.

Sabe o nome deles?

Pode lembra-se onde eles moram?

Sabe a data do aniversário deles?

Sabe como vão indo nos estudos ou no trabalho?

Mantém boas relações com suas famílias?

Conhece algum problema em particular?

O que poderia dizer sobre seu testemunho cristão?

Há alguma coisa especial de que necessitam?
• Quando foi que aceitaram a Cristo?

2. São pessoas especiais que requerem atenção especial.

a) São totalmente dependentes espiritualmente.

Só conseguem digerir os aspectos mais simples das verdades espirituais. "Com leite vos criei e não com manjar, porque ainda não podíeis, nem tão pouco ainda agora podeis" (1 Co 3.1-3).

Precisam ser alimentadas por outrem.

Têm dificuldade em falar (de explicarem a razão da fé).

b) Falta-lhes um senso adequado de valores.

Agarram-se a detalhes sem importância, em vez de aprenderem o que tem realmente valor.

(Eles se escandalizam facilmente; se apegam a rudimentos de doutrinas; podem criar dogmas)
O professor deve apresentar a Cristo como Senhor e não apenas como Salvador (senhorio de Cristo Mt 16.24). Muitos querem as bênçãos do Salvador mas não o aceitam como Senhor. Precisamos aceitar o senhorio de Cristo (diferente da Confissão Positiva).

O professor deve apresentar a real proposta do evangelho. Livrar o homem da perdição eterna (diferente do Evangelho da Prosperidade).

3. São pessoas carentes que requerem cuidados especiais.

a) "Alimentação" adequada (leite racional).

Não haverá crescimento espiritual independente da Palavra de Deus.

"Desejai afetuosamente, como meninos novamente nascidos o leite racional, não falsificado, para que por ele vades crescendo" (1 Pe 2.2).

Quando o homem aceita a Cristo torna-se nova criatura, ou seja, nasce de novo.
Não se pode administrar à criança recém-nascida alimentos sólidos, antes, o leite materno. O novo convertido precisa conhecer as doutrinas básicas da salvação. Portanto, inicialmente, deve afastar-se de assuntos complexos e especulativos.

A princípio, a criança é alimentada pelos outros; mais tarde, começa a alimentar- se por conta própria e finalmente, quando adulta, passa a alimentar outros.

Um dos alvos do fazedor de discípulos é ensinar o discípulo a alimentar-se, de forma que ele possa, mais tarde alimentar também outros.

b) "Meio-ambiente" propício (lar espiritual).

Não haverá crescimento espiritual fora do contexto da comunhão cristã.

"Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo" (Ef 4.13).

Observando as palavras de Paulo em Efésios 4.13 "Até que todos cheguemos..." verificamos que o meio ambiente propício ao crescimento espiritual é encontrado no contexto da comunhão cristã (lar espiritual, família espiritual).

Não é suficiente o contato que o professor tem com o aluno durante a aula na Escola Dominical. O professor deve proporcionar um meio-ambiente propício para um inter-relacionamento com outros crentes onde se compartilham idéias, verdades aprendidas na Palavra, aspirações, e onde haja compreensão.

c) Precisam de um referencial no novo grupo de convivência.

Geralmente a primeira referência do novo convertido na igreja é o professor (discipulador) de sua classe na Escola Dominical.

II. O PERFIL DO PROFESSOR

Em linhas gerais, o professor da classe de novos convertidos precisa ser um crente fiel, espiritual e seguro conhecedor das doutrinas bíblicas, além de ter comprovada capacidade para ensinar.

Conhecimentos teológicos mínimos: Deus, Jesus Cristo, Espírito Santo, Trindade, homem, pecado, soteriologia: (regeneração, redenção, expiação, propiciação, justificação, santificação).

Formação pedagógica, se possível.

1. Pré requisitos gerais.

a) Vocação autêntica.

A vocação floresce no próprio cerne da personalidade. Significa a propensão
fundamental do espírito, sua inclinação geral predominante para um determinado tipo de vida e de atividade, no qual encontrará plena satisfação e melhores possibilidades de auto-realização.

Sociabilidade. A educação e o ensino são fenômenos de interação psicológica e social; temperamentos egocêntricos, fechados, incapazes de abrir e manter contatos sociais comum certo calor e entusiasmo, não estão talhados para a função do magistério; este exige comunicabilidade e dedicação à pessoa dos educandos e aos seus problemas.

Amor paedagogicus. Simpatia e interesse natural pelos alunos e desejo de auxiliá-los nos seus problemas e anseios.

Geralmente a escolha de um professor favorito se baseia num relacionamento pessoal e não na capacidade para ensinar. Os alunos se lembram dos professores que mostraram interesse especial e cuidam delas antes de se lembrarem daqueles que tinham bons dotes de oratória.

Apreço e interesse pelos valores da inteligência e da cultura. O professor que realmente tem vocação para o magistério é naturalmente um estudioso, um leitor assíduo, com sede de novos conhecimentos capaz de se entusiasmar pelo progresso da ciência e da cultura.

b) Aptidões específicas.

São atributos ou qualidades pessoais que exprimem certa disposição natural ou potencial para um determinado tipo de atividades ou de trabalho.

(Saúde, equilíbrio mental e emocional, órgãos de fonação, visão e audição em boas condições; boa voz: firme, agradável, convincente; linguagem fluente, clara e simples; autoconfiança e presença de espírito; naturalidade e desembaraço; firmeza e desembaraço; imaginação, iniciativa e liderança; habilidade de criação; boas relações humanas.)

c) preparo especializado.

O conhecimento amplo e sistemático da matéria ou da respectiva área de estudo é condição essencial e indispensável para a eficiência do magistério cristão.

2. Pré requisitos específicos.

a) Ser chamado por Deus para o ministério do ensino (Ef 4.11,12). (Pedir a classe para ler o texto)

Os professores da EBD são freqüentemente escolhidos pelos líderes e não vocacionados por Deus. Os vocacionados têm esmero (dedicação): "...se é ensinar, haja dedicação ao ensino" (Rm 12.7b).

Esmero significa integralidade de tempo no ministério estar com a mente, o coração e a vida nesse ministério. Ser professor é diferente de ocupar o cargo de professor.

b) Ter um relacionamento vital e real com Jesus Cristo.

O que representa este relacionamento?

Cristo é seu salvador pessoal; salvo-o de todo o pecado e é também Senhor e dono da sua vida.

c) Esforçar-se em seguir o exemplo de Jesus.

Jesus é o maior pedagogo de todos os tempos; usou todos os métodos didáticos disponíveis para ensinar.

d) Reconhecer a importância da sua tarefa e encará-la com seriedade.

Qual importância?
Quando um investimento espiritual é feito em outra vida, você participa de toda a glória das recompensas espirituais que serão colhidas através da vida, para sempre.

O apóstolo Paulo disse aos tessalonicenses: "Vós sois a nossa glória e nosso gozo" (1 Ts 2.20).

Por que seriedade? Por causa do juízo: "...meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres, sabendo que receberemos mais duro juízo" (Tg 3.1).

e) Lealdade.

No apoio ao pastor; na assistência aos cultos; na participação no sustento financeiro.

f) Disposição de aprender.

O homem é um ser educável e nunca acaba de aprender. Aprendemos com os livros; com nossos alunos; aprendemos enquanto ensinamos. "Não há melhor maneira de aprender do que tentar ensinar outra pessoa."

Quando não sabe uma resposta, é melhor ser honesto e dizer que não sabe.

g) Saber planejar suas aulas.

Ter objetivos claros e definidos em cada etapa do ensino.

O que pretendo alcançar (Objetivos)

Como alcançar (Métodos e recursos)

Em quanto tempo (cronograma)

O que fazer e como fazer (Procedimentos de ensino)

Como avaliar o que foi alcançado (Avaliação)

h) Entender o processo de aprendizagem.

Até o século XVI, a prender era memorizar.

Séc XVII, fórmula de "Comenius": compreensão, memorização, aplicação.

Hoje, a apdz é um processo: lento, gradual e complexo aprender é modificar o comportamento.

i) Conhecer variados métodos de ensino. (ver 3º ponto do seminário)

j) Ensinar com motivação.

O professor não motiva, incentiva.

Deve saber e dominar o que vai ensinar. Conhecer bem a Palavra, o currículo e a lição daquele dia. Este conhecimento deve fazer parte de sua experiência.

l) Despertar o aluno para a salvação e o crescimento espiritual.

"Ele está se tornando semelhante a Cristo?"

m) Viver o que ensina.

n) Ser crente integrado à sua igreja: presença nos cultos e atividades da igreja; dizimista; manter-se distante dos ventos de doutrinas; eticamente correto.

III. O MÉTODO DE ENSINO

1. O ensino deve, em primeiro lugar, objetivar um plano de cultivo de resultados, ou seja, a integração dos novos crentes.

a) Levar o novo convertido a alcançar a certeza de salvação.

Três passos para levar o novo convertido a ter certeza de salvação:

Levar o convertido a confiar no caráter de Deus.

Deus não pode mentir (Tt 1.2). O caráter de Deus é o fundamento para que a pessoa alcance a certeza de vida eterna.

Levar o convertido a compreender com clareza as promessas de salvação feitas por Deus (Jo 5.24; Ap 3.20).

Levar o convertido a entender claramente as condições estabelecidas por Deus para alguém ser salvo.
O pecador precisa se arrepender (Is 55.7).

O pecador precisa confessar seus pecados (1 Jo 1.9).

O pecador precisa crer em Jesus (Jo 5.24).

O pecador precisa invocar o nome do Senhor (Rm 10.13).

b) Doutrinar o novo crente para que seja batizado conscientemente.

Necessidade do batismo

Valor e significado

Forma bíblica do batismo (imersão)

Ceia, finalidade

Para quem foi instituída a ceia

Igreja (origem, natureza, missão e destino)

c) Doutrinar o novo batizado para que adquira firmeza doutrinária e se integre na comunhão da igreja.

Crente e sua nova natureza

Comportamento do cristão

Vida devocional

Mordomia cristã

Testemunho

2. O ensino deve atender às dificuldades de compreensão peculiares ao novo convertido.

a) Linguagem.

A linguagem deve ser comum entre o professor e o aluno. O novo convertido não está familiarizado com a linguagem evangélica.

b) Comunicação.

Quais são os principais problemas de comunicação entre professores e alunos?

O método é definido através de padrões de comunicação: unilateral, bilateral e multilateral.

O professor está mais preocupado em expor a matéria (transmitir conhecimento).

O professor utiliza conceitos ou termos que ainda não existem na experiência dos alunos novos convertidos.

O professor não se preocupa em aumentar o vocabulário de seus alunos.

O professor coloca tantas idéias em cada exposição que somente algumas delas são compreendidas e retidas.

Alguns professores falam rápido demais ou articulam mal as palavras. Outros, em voz baixa e tom monótono.
O professor não utiliza meios visuais para comunicar conceitos ou relações que exigem apresentação gráfica.

professor tem suas idéias tão mal ou perfeitamente organizadas, que não há lugar para a imaginação criativa dos alunos.

c) Cultura Bíblica.

O conhecimento que possuem a respeito de Deus geralmente é alheio às Escrituras. Não compreendem a história, a geografia, os costumes dos personagens bíblicos e sua aplicação para os nossos dias.

d) Temas teológicos e doutrinários da Bíblia.

O novo convertido não está habituado a expressões como: Regeneração, Justificação, Redenção, Expiação, Arrebatamento da Igreja, Milênio, Escatologia etc.

e) Noções de tempo, espaço e circunstância no plano bíblico.

Neste aspecto quais providências o professor deve tomar em relação a ministração do conteúdo da matéria?

3. O ensino deve ser planejado e não improvisado.

O professor deve preparar-se profundamente para a aula (2 Tm 2.15).

a) Através da oração.

A oração é o segredo do poder no ensino (Mc 1.35; Lc 5.16).

b) Com propósito preestabelecido.

O professor deve estabelecer os objetivos da lição.

c) Através de estudo diário.

O professor deve preparar suas lições com antecedência. Ou seja, diariamente, do início ao término da semana.

d) Material de estudo mínimo necessário.

A Bíblia. Se possível, todas as legítimas versões em português.

Dicionário Bíblico

Gramática da Língua Portuguesa

Concordância Bíblica

Chave Bíblica (resumo dos livros)

Manuais de Doutrina
Comentários

Atlas Bíblico

Didática Aplicada

Apontamentos individuais

FAZER DISCÍPULOS, NÃO MERAMENTE CONVERTIDOS

Agora vamos atentar para as palavras do Senhor Jesus que encontramos em Mateus 28:18-20, a chamada Grande Comissão de Cristo. A primeira coisa que nos chama a atenção é a declaração feita no verso 18: "É-me dado todo o poder no céu e na terra." (Outra versão diz "autoridade" que resulta na mesma coisa, pois não há autoridade sem

poder.) Em outras palavras Jesus se declara como Soberano do universo, O Maior. Esta declaração tem pelo menos dois reflexos para os seguidores de Cristo.

Primeiro, é condição básica de êxito sabermos que nosso Chefe é o Maior. É esta certeza inabalável que nos dará as condições de enfrentar o inimigo e as circunstancias adversas sem temer e sem vacilar.

Segundo, qualquer ordem dada pela Autoridade Máxima do universo exige atenção e respeito total. Para começar, tal atenção e respeito tem que se manifestar numa exata atenção prestada ao exato sentido da ordem. Precisamos definir o conteúdo semântico da ordem de forma completa e perfeita, se possível. Pois ao proferir uma ordem nosso Chefe obviamente quer ser obedecido, e de forma certa e completa. Então, vejamos agora o conteúdo semântico da ordem.
O Sentido da Ordem

Uma tradução rigorosa seria mais ou menos a seguinte: "Ao irem, discipulai todas as etnias, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado." (Também poderíamos traduzir "fazei discípulos em todas as etnias".) Constatamos que só tem um verbo no imperativo, a saber "discipulai". Daí se vê que teremos que procurar a essência da ordem nesse verbo. Sei que nossas principais versões traduzem o verbo "ir" como se também estivesse no imperativo, mas não está--está no particípio passado. Portanto não pode representar a ação principal; é uma circunstância. Creio que pensando um pouco fica claro que o ir não passa de circunstância. A gente "vai" para chegar no lugar onde deve trabalhar. Alguém poderia passar o tempo todo indo e nada fazer, um eterno turista. O Senhor Jesus faz de conta que já estaremos indo, ou já teremos ido (ao pé da letra a tradução seria "tendo ido"). Em outras palavras, onde quer que cada um esteja, conforme a vontade de Deus para cada qual, a ordem é fazer discípulos.

A ordem é, fazer discípulos. Infelizmente a versão "Corrigida" nos despista ao traduzir "ensinai"--o verbo ensinar está, sim, no começo do verso seguinte, mas não no verso 19. (Observe-se de passagem que a maioria esmagadora dos manuscritos gregos que contêm este trecho [95%] não tem a palavra "portanto", razão porque não coloquei na minha tradução.) Já que a ordem é fazer discípulos, antes de mais nada precisamos entender a acepção exata que Jesus tinha do vocábulo "discípulo", pois aí está o cerne da ordem.

Pois então, que entendia Jesus por "discípulo"? O contexto imediato fornece um bom subsídio, pois o verso 20 diz: "ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado". Quer dizer que fazer discípulo implica em ensinar (não meramente pregar). Mas ensinar o quê? Ensinar a guardar, isto é, obedecer todas as coisas que Jesus mandou. Mas obviamente ninguém pode obedecer coisa que ignora; daí teremos que

ensinar as próprias coisas que Jesus mandou, e todas elas. Será exatamente isso que estamos a fazer nas nossas igrejas?

Convido a atenção do leitor para Lucas 14:25-33, única passagem onde se preserva nas próprias palavras de Jesus uma definição de discípulo, e onde Ele emprega a palavra "discípulo" de sorte que não há como não entender (é claro que discipulado é abordado em outras passagens, mas como a palavra "discípulo" não se encontra poderia haver discussão a respeito). Três vezes encontramos a frase "não pode ser meu discípulo". A expressão é enfática, principalmente no Texto original. Trata-se de condições absolutas que o Senhor coloca--quem não preencher não tem jeito. Vamos, pois, às condições.

"Aborrecer"

A primeira se encontra no verso 26. "Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo." Mas que palavra difícil! Será que tenho mesmo é de aborrecer (o verbo grego é "odiar") inclusive aos entes mais queridos? Como pode? Deus não manda amar as pessoas? Que será que Jesus quer com essa palavra tão dura? Deve ser entendida de forma comparativa, assim como está na passagem paralela, Mateus 10:37: "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim".

Em outras palavras, Jesus exige de mim, caso me proponha segui-lo como discípulo, que eu coloque meu relacionamento com Ele acima de todos os demais relacionamentos na vida, quer seja com pai, com mãe, com mulher, com filhos ou com o próprio "eu". Jesus exige o primeiro lugar, sem concorrência. Agora, quem sustentar um relacionamento assim com o Senhor Jesus se verá, vez por outra, obrigado (pelo próprio Jesus) a se comportar de uma maneira que as pessoas que estão do lado de fora de um tal relacionamento com Jesus não irão entender. Não saberão interpretar corretamente. Vão interpretar como descaso, desprezo, aborrecimento, ódio até. Senão, vejamos.

Mais de uma vez já houve quem me dissesse bem objetivamente, bem "na cara" que eu certamente aborrecia minha esposa e minhas filhinhas por carregá-las selva adentro a fim de morarmos em plena aldeia de índios, como fiz, com efeito. Pois tais pessoas não conseguiam entender meu comportamento. Não dava para entender que um chefe de família com as minhas condições iria expor essa família à vida difícil, primitiva, até perigosa de plena selva amazônica, inclusive dentro de aldeia indígena, privando-a assim do conforto e das vantagens da cidade. Só podiam interpretar meu procedimento como falta de responsabilidade, no mínimo.

E quantos missionários, cujos pais não compartilhavam o ideal do filho, na hora difícil da despedida, prestes a zarparem para outra terra, não têm ouvido dos lábios dos próprios pais palavras mais ou menos assim: "Mas meu filho, você odeia a gente, você vai abandonar a gente, vai se lascar

sabe lá aonde, não faça isso meu filho!". Naquela hora de angústia os pais lançam mão de exatamente esse tipo de linguagem--interpretam o procedimento do filho como descaso, desprezo, ódio até. Daí se vê que ao fazer uso da palavra "aborrecer" Jesus não estava exagerando, não estava sendo ridículo. É isso mesmo--aborrecer.

No entanto, gostaria de avaliar a questão da responsabilidade. Será que agi de forma irresponsável ao levar minha família selva adentro morar com índio? Qual seria melhor, a selva com Jesus ou a cidade sem Ele? Se levo a família para a selva obedecendo a ordem de Jesus quem responde pelas conseqüências é Ele. Se permaneço na cidade contra Sua vontade aí quem responde sou eu. Sei que a questão é tanto séria como prática, pois conheço homens que sabiam perfeitamente ter um chamado missionário mas não atenderam, alegando a esposa--não poderia expor a mulher a esse tipo de vida.

Aliás, o Antigo Testamento nos traz o relato de certos homens que fizeram opção semelhante--refiro-me aos guerreiros de Israel em Cades-Barnéia. No cronograma de Deus estava na hora de invadir a terra prometida, mas dez dos doze espias desanimaram a turma e se rebelaram contra a ordem de Deus, ordem já dada e conhecida. Como justificativa alegaram que se obedecessem seriam mortos e aí como seria o caso das mulheres e das crianças. Não bastasse, ainda fizeram uma contraproposta a Deus--seria até melhor morrer por ali. (É muito perigoso fazer contraproposta a Deus, pois Ele é capaz de aceitá-la, como no caso em pauta.) Como resultado passaram mais 38 anos vagando no deserto (ver Dt. 2:14) até que todos os homens que votaram contra Deus em Cades-Barnéia morressem. Não ficou um sequer para atravessar o Rio Jordão. Já as mulheres e crianças, a suposta justificativa pela desobediência, Deus fez entrar na terra prometida.

Meus irmãos, enfrentemos qualquer perigo menos desobedecer a vontade conhecida de Deus. Fazer contraproposta nem se pense! Nosso Chefe se responsabiliza pelas conseqüências das suas ordens, quando obedecidas. Privar a família da proteção de Deus, expondo-a às conseqüências da nossa desobediência--isso sim é ser irresponsável. Discípulo verdadeiro de Cristo deve sempre preferir "aborrecer" a família, e sua própria pessoa, antes de desobedecer. É isso mesmo.

"Levar a Cruz"

A segunda condição se encontra no verso 27 (Lc. 14). "Qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo." Que será que o Senhor entende pela palavra "cruz"? Seria o adorno que alguém leva no pescoço? Algum problema na vida ou aquele vizinho que você não agüenta? Não. Há dois mil anos cruz significava uma só coisa--morte. Representava maneira de matar, aliás a mais melindrosa da época. Creio que em Lucas 9:23 temos uma palavra que versa sobre o mesmo assunto. Jesus disse a todos: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e siga-me." O próprio conteúdo semântico do verbo "levar" (Lc. 14:27) dá a idéia de uma ação

contínua. Já aqui em Lucas 9:23 temos que "tomar cada dia" a nossa cruz--parece ser uma morte diária.

Aliás, o Apóstolo Paulo usa exatamente essa expressão em 1 Coríntios 15:31, dizendo que ele morria cada dia. Mas como entender essa expressão? Obviamente não se trata de morte física. Como então? Creio que o "negar-se a si mesmo" (Lc. 9:23) nos aponta o caminho certo. É uma morte para si, para as próprias idéias, ambições, desejos e quereres; é um abrir mão do meu suposto direito de mandar na própria vida. E esta atitude tem que ser renovada cada dia, e quem sabe cada hora. Parece-me ser o efeito da expressão que achamos em Romanos 12:1 onde fala em apresentarmos os nossos corpos em "sacrifício vivo".

Mas essa expressão não lhe parece um pouco estranha? No Antigo Testamento, no meio de tantos animais sacrificados, tantos holocaustos, houve alguma vez sacrifício vivo? Como e quando passava um animal a ser sacrifício? Não era no momento da degola, vertendo seu sangue? Logo, só teria sacrifícios mortos. Mas Paulo fala de sacrifício "vivo". Creio ser exatamente o "levar da cruz" que já notamos--é uma morte contínua, viver morrendo. É negar-se a si mesmo a cada passo. E Jesus declara que sem esta disposição é impossível ser discípulo dEle.

"Renunciar Tudo"

A terceira condição se encontra no verso 33 (Lc. 14). "Assim, pois, qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo." O "assim pois" liga este verso às duas ilustrações dadas nos versos 28 a 32. Creio que essas ilustrações dizem mais respeito ao ato de entrar na condição de discípulo, que iremos examinar daqui a pouco, mas interessa observar aqui que se trata duma decisão consciente e estudada, um ato do arbítrio. E não pode ser diferente, pois aqui Jesus exige uma renúncia completa, uma entrega sem reservas--enfim, "tudo quanto tem".

Avaliando as três condições juntas, podemos constatar que de certa forma são três maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. Embora uma condição focalize os relacionamentos, outra as ambições e a terceira as coisas, são expressões de uma realidade básica. Nosso Senhor Jesus Cristo exige compromisso total! Agora podemos afirmar a definição que o Senhor deu à idéia de "discípulo". Para Jesus, discípulo é alguém que tem (e mantém) compromisso total com Ele.

Voltando a Mateus 28:19, vamos ver se entendemos melhor a ordem. A ordem é, fazer discípulos--discípulos, não meramente "crentes" ou convertidos--discípulos, na acepção da palavra que o Senhor Jesus tinha, e tem--discípulos, pessoas cujas vidas efetivamente giram em torno da Causa e da Vontade de Cristo, pessoas que vivem em função do Reino, no duro, para valer!

O Efeito Estratégico

Que estão a fazer as nossas igrejas, em geral? O enfoque, quase exclusivo, é no evangelismo--será que não? Estamos a fim de "ganhar

almas", de ver as pessoas convertidas. (Isso nas igrejas que ainda têm compromisso com a Bíblia; certas outras não passam de clubes sociais e já estão nas mãos do inimigo.) Nas igrejas "tradicionais" ou "históricas" o novo convertido deve freqüentar os cultos e participar da vida da igreja; querendo ser bom mesmo passa a ser dizimista. Já nas igrejas "pentecostais" ou "renovadas" o novo convertido deve também procurar "a segunda benção"; sendo "batizado no Espírito" aí chegou mesmo. Mas quem está fazendo discípulos no sentido que Jesus mandou?

Qual será o resultado prático desse enfoque nosso? É exatamente aquele quadro calamitoso que já comentamos: meio mundo sem ouvir uma vez o Evangelho de Cristo; um terço das etnias sequer tem porta-voz de Cristo ainda. É claro. O enfoque de apenas ganhar almas enche as igrejas de crianças, crianças espirituais (não tem nada a ver com a faixa etária da pessoa). Pois bem, e daí? Daí, criança trabalha? Criança não trabalha, dá trabalho (e como!). Amados irmãos, estamos diante duma questão do tamanho do mundo, literalmente. Embora possa doer, precisamos avaliar objetiva e corajosamente este assunto--o destino eterno do mundo está em jogo.

Menor Abandonado Não é Negócio!

Que devemos pensar de um homem que no âmbito físico anda gerando filhos sem ter a menor preocupação com a alimentação, o abrigo, a educação, enfim o cuidado desses filhos? Com toda justiça tacharemos esse homem de irresponsável, de inimigo da nossa sociedade. Sim, porque ele está introduzindo menores abandonados na sociedade, e estatisticamente muitos deles (provavelmente a maioria) passarão a ser marginais e criminosos. Menor abandonado não é negócio! Gostaria de sugerir para a reflexão cuidadosa do leitor que existe uma analogia quase perfeita entre o âmbito físico e o âmbito espiritual nesta área.

Quando trazemos à luz filhos espirituais (por assim falar), mas não os discipulamos, não os levamos a fazer uma entrega sem reservas a Jesus, não os levamos à condição de adultos na fé, então acarretamos uma série de conseqüências negativas. Que é que mais faz pastor envelhecer antes da hora? São os incrédulos lá fora, ou é a criancice dentro da igreja? É claro que é a criancice espiritual na igreja. (Observar de passagem que às vezes a justiça se faz, pois quando o pastor só prega mensagens evangelísticas o maior culpado é ele mesmo, pois não apascenta as ovelhas. Comida de bode não serve para ovelha.)

Ao fazer evangelismo pessoal, qual a desculpa que mais se ouve quando alguém quer se livrar? Ele não apela para a vida de crente Fulano, Beltrano ou Cicrano? É a criancice espiritual na igreja. E depois tem os "gatos escaldados"--são aqueles que dizem, "já fui crente". Que será que aconteceu com ele? Presumivelmente ouviu a pregação, atendeu ao apelo, seguiu as instruções dadas e deu sinais de vida, participando nas atividades da igreja. Mas aí Satanás deu em cima dele, a vida de crente não foi aquele "mar de rosas", houve mais problemas do que bênçãos. E como ninguém explicou a razão das coisas, como ninguém o discipulou aí

ele começou a desanimar, ficar perplexo, se sentir iludido e abandonado. Daí ele vai se distanciando e quando menos espera já está longe. Agora é "gato escaldado" pois já foi vacinado. Reconquistar uma pessoa assim dá mão de obra, sem comentar todos os reflexos negativos que se espalham pela vizinhança.

Quando pensamos nos povos não alcançados o problema da criancice espiritual nas igrejas se faz sentir de forma bem aguda. Precisamos de soldados, e para tanto criança não serve. Via de regra nem vai se oferecer (ainda bem). Mas acontece que nem todos os que se apresentam, e que acabam sendo enviados aos campos missionários, são discípulos--alguns deles pouco passam de criança. E se criança pega em serviço de homem, por acaso o serviço vai sair bem feito? Dificilmente. A criança, coitada, está fazendo por onde, mas não tem a força, o saber, a experiência e a capacidade dum homem. É criança. O mundo perdido está à espera de adultos, gente grande, discípulos.

Amados irmãos, sejamos pais responsáveis! é simplesmente uma falta de responsabilidade terrível trazer à luz filhos (no ^âmbito espiritual também) sem assumir as conseqüências naturais e necessárias--alimentar, proteger, educar e levar os mesmos à condição de adulto. Menor abandonado não é negócio. Creio que vem muito ao caso o exemplo do nosso Mestre.

O Exemplo de Cristo, e de Paulo

Como fez o Senhor Jesus durante seus três anos de ministério público aqui na terra? Com quem Ele gastou a maior parte do tempo? Não foi com doze homens? Andaram juntos, comeram juntos, dormiram no mesmo lugar, e estavam a ouvir e observar tudo que o Mestre fazia, durante uns dois anos. E Jesus jogou tudo naquele "time", naqueles homens. Quando Ele voltou para o Céu o futuro da Igreja estava nas mãos deles. Se tivessem fracassado de uma vez a Igreja acabava por lá mesmo, logo no início. Mesmo quando Jesus lidava com o povo, como fazia? Ele promovia campanha evangelística? Não consta. O que o Texto Sagrado registra é que o que Ele fazia mais era ensinar o povo, às vezes o dia inteiro. Pois Jesus queria discípulos. Em qualquer época o bem-estar da Igreja depende dos discípulos que existirem.

Parece que o Apóstolo Paulo, pelo menos, entendeu o exemplo e a estratégia de Cristo, pois também cuidou de fazer discípulos. Ao despedir-se da igreja de Éfeso ele afirmou, "nada que útil seja deixei de vos anunciar e ensinar, publicamente e de casa em casa" (Atos 20:20), e novamente, "nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus" (Atos 20:27). Paulo não se detinha numa mensagem meramente evangelística--queria discípulos. Tudo indica que a motivação maior ao escrever suas cartas era levar os convertidos à condição de discípulos. Só para exemplificar podemos citar Colossenses 1:28. Falando de Cristo, Paulo escreve: "A quem anunciamos, admoestando a todo homem e ensinando a

todo homem em toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Jesus Cristo."

Efésios 4:12-13 é ainda mais interessante nesse sentido, pois Paulo atribui o intuito ao próprio Cristo. Foi Ele mesmo que deu apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres à Igreja, "visando o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo." Em outras palavras, Cristo quer discípulos, na acepção da palavra que já explicamos. Em 2 Timóteo 2:2 Paulo deixa claro que devem surgir gerações sucessivas de discípulos, presumivelmente até a volta de Cristo.

E qual foi o resultado da aplicação desta estratégia pelos Apóstolos? Alcançaram seu mundo na sua geração. E se recuperarmos o mesmo enfoque, será que não podemos também alcançar o nosso mundo nesta geração? Creio que sim. Senão, vejamos.
Como Funciona

Fazer discípulo leva tempo e pode ser incômodo, mas é a maneira mais rápida, certa e segura de efetivamente alcançarmos o mundo. À primeira vista, pensando superficialmente, pode parecer que não. Aliás, a visão que parece prevalecer no mundo evangélico atual é de evangelismo em massa—temos de ganhar almas e em número maior possível. Quanto mais almas em quanto menos tempo, melhor. Só que não resolve. Pode dar um crescimento rápido aparente a curto prazo, mas acaba ruindo por não existir o alicerce e a infra-estrutura para agüentar tamanho peso. Criança não trabalha; dá trabalho.

Para fazer discípulo é preciso gastar tempo com ele, assim como fez Jesus. E é preciso "abrir o jogo"; não pode fingir ser um super-crente que não tem problemas, nunca peca, nunca é atacado por Satanás, etc. (É possível chegar a ser um discípulo sozinho, mas costuma ser um processo demorado e dolorido, exatamente por falta de assessoria.) É preciso explicar a razão das coisas, dar assessoria efetiva, fundamentar mesmo.

Parece ser demorado, mas acaba sendo mais rápido. Imaginemos que eu seja o único discípulo verdadeiro de Cristo no mundo hoje [é claro que não é verdade, e graças a Deus por isso], só para efeito de raciocínio, só para ver até onde a brincadeira leva. Digamos que neste ano eu consiga fazer mais um discípulo--não somente ganho a alma, mas seguro, fundamento, doutrino, levo a uma entrega sem reservas a Jesus, enfim discípulo. Aí no final do ano seremos dois. Certo?

(Talvez alguém esteja duvidando da possibilidade de fazer um discípulo dentro dum ano. O segredo maior está na entrega sem reservas a Jesus. Enquanto alguém não fizer essa entrega, seu crescimento espiritual será paulatino, quando tem. É aquele quadro tão costumeiro--três passos para frente e dois e meio para trás, quando não são três ou três e meio para trás. A entrega total dá ao Espírito Santo o direito de agir

livremente na vida da pessoa e com isso ela pode crescer rapidamente, alcançando patamares espirituais que a maioria dos crentes sequer chega a vislumbrar.)

Muito bem. Durante o próximo ano cada um faz mais um discípulo--ganha e segura, fundamenta, doutrina, enfim discipula. Aí seremos quatro (dois mais dois). Certo? Durante o terceiro ano repetimos a façanha--cada um ganha mais um, e discipula. Aí seremos oito. (Você não tem que ser um evangelista de renome internacional; você não tem que ganhar 300 almas por ano; basta ganhar uma, desde que segure, discipule mesmo.) Durante o quarto ano dobramos de novo e aí seremos 16. Repetindo a dose, ano por ano, chegaremos ao final do décimo ano com nada menos que 1.024 discípulos! Já pensou? Haverá algum pastor que não se daria por satisfeito se durante dez anos de ministério conseguisse criar uma igreja com 1.000 membros? Mas vamos em frente, vamos ver a segunda década.

Prosseguindo no mesmo ritmo, terminaríamos o décimo primeiro ano com 2.048 discípulos. Dobrando cada ano terminaríamos a segunda década com nada menos que 1.048.576 discípulos! Pois bem, aí terminaríamos o vigésimo primeiro ano com 2.097.152 discípulos, e assim por diante até completar a terceira década com 1.073.741.824 discípulos. É isso mesmo, mais de um bilhão como resultado de apenas trinta anos de fazer discípulos, na base de um por ano! Se continuássemos assim por mais quatro anos, alcançaríamos a cifra de mais de 17 bilhões de discípulos. Sucede que temos menos que seis bilhões de pessoas no mundo hoje, de sorte que poderíamos perder a metade a caminho e ainda alcançar o mundo inteiro dentro de 34 anos! Que tal, vamos lá?

Mas, espera aí. Isso tudo começando com apenas um; mas não sou o único. Será que existem um milhão de discípulos verdadeiros (não meros crentes) no mundo hoje? Creio que sim, e até mais. Muito bem, nesse caso podemos subtrair vinte anos dos 34 que seriam necessários para alcançar o mundo. É claro, pois segundo o modelo sugerido levaria vinte anos para chegar à casa de um milhão. Se já somos mais de um milhão poderemos terminar de alcançar o mundo dentro de 14 anos! Será que não?

Sei que várias objeções já se apresentaram a seu pensamento. Esse quadro é muito idealizado; não leva em conta as barreiras diversas que existem: barreiras ideológicas, políticas e religiosas, barreiras geográficas e de língua e cultura, a barreira da fraqueza humana com manifestações várias, e principalmente a barreira da atuação satânica e demoníaca no mundo. E agora, "José", como fica? Bem, reconheço existirem todas essas barreiras, e de fato são grandes, mas nosso Chefe é maior. As barreiras de ideologia, política e religião poderemos destruir usando as armas segundo 2 Coríntios 10:4-5, ao passo que a atuação de Satanás e os demônios poderemos vencer fazendo uso dessas e das outras armas espirituais que o Senhor Jesus coloca à nossa disposição (ver capítulo IV). Não esquecer também da "chave de Davi" (Apoc. 3:7). Já as barreiras de geografia, língua e cultura deverão ceder diante da tecnologia moderna--

temos ferramentas cada vez melhores para fazer frente a esses problemas. E as fraquezas humanas? Bem, aí vem ao caso exatamente o discipulado e o poder e a capacitação do Espírito de Deus.

Um alerta se faz necessário aqui: por "discipulado" refiro-me ao processo de sermos e fazermos discípulos de Jesus, não de nós mesmos. Muitas vezes os "grilos" dum discipulador ou do fundador dum movimento passam a ser "doutrina" para os seguidores, e com isso vão parar no "brejo", mais dia menos dia. Façamos discípulos de Jesus; levemos as pessoas a dependerem diretamente do Espírito Santo e da Palavra de Deus, e não de nós; com isso os nossos discipulandos poderão se livrar dos nossos erros, pois todos os temos.

E ainda há algumas outras considerações que merecem menção. Por exemplo, o modelo visa fazer só um discípulo por ano, mas de fato podemos fazer mais--pensamos imediatamente nos muitos milhões de crentes que poderiam ser discipulados com alguma rapidez. A estratégia apresentada no capítulo II vai ao encontro da má distribuição geográfica dos discípulos atuais. É bom lembrar também que nunca iremos ganhar todo mundo—sempre existirão as pessoas que conscientemente rejeitam o Evangelho de Jesus Cristo. Jesus não manda ganhar todo mundo (seria violar o arbítrio das pessoas), e sim garantir que cada um ouça e tenha opção consciente. O modelo falou em ganhar o mundo inteiro dentro de 14 anos, o que não será o caso. Segundo as ordens em Mateus 28:19 e Marcos 16:15 o alvo é ver discípulo verdadeiro em cada etnia e cada pessoa com a opção consciente de abraçar o Evangelho. Então, com essas ressalvas todas será que não podemos assumir o desafio de fazer por onde cumprir as ordens do nosso Mestre dentro de poucos anos? Vamos que vamos!

A Implementação da Estratégia

Agora vamos atentar para a implementação da estratégia. Existem pelo menos três questões que devem ser consideradas, mas primeiro quero voltar à ordem em Mateus 28:19: "Fazei discípulos em todas as etnias". A partir do que constatamos ao considerar o exato sentido da ordem, entendo duas coisas. Primeiro, a ordem é fazer discípulos, nada mais e nada menos. Segundo, parece-me óbvio que para poder fazer discípulo é necessário primeiro ser discípulo (ou será que não?). Acaso eu teria condições de levar outrem a entregar-se sem reservas a Jesus se eu me recuso a fazê-lo? E como poderei assessorar alguém no discipulado se nunca andei por lá? Assim sendo, enquanto eu não for discípulo fico marginalizado--dificilmente poderei ter ação efetiva no cumprir da Grande Comissão de Cristo. E você também. Daí a primeira coisa que devemos verificar é se somos de fato discípulos. E isso nos leva à primeira questão: como ser discípulo?

Como Ser Discípulo?

A questão se divide naturalmente em duas partes: como ingressar na condição de discípulo e como manter em pé essa condição. Como, então, ingressar na condição de discípulo? Se podemos comparar o

discipulado a um caminho a ser trilhado (diariamente) então ingressar seria como que passar pelo portão que dá acesso ao caminho.

Entendo que ingressar na condição de discípulo depende de uma entrega deliberada, um ato do arbítrio. Imagino ser possível alguém se converter quase por impulso, tipo pulo no escuro. Está desesperado; alguém chega perto e explica por alto o plano da salvação e ele aceita, sem entender muito. Já ingressar na condição de discípulo é diferente. Creio que as duas ilustrações que estão em Lucas 14:28-32 vêm ao caso.

Lembrem-se que no verso 33, dando início à terceira condição, Jesus disse, "assim, pois". Ele referia-se aos dois casos que acabava de relatar. Uma pessoa queria construir uma torre. Um rei ouviu dizer que o vizinho já vinha contra ele com 20 mil soldados e ele só tinha 10 mil. Que fizeram os dois? Em ambos os casos a pessoa estuda a situação, avalia suas próprias condições, calcula quanto deverá custar, procura antever as prováveis conseqüências. Feito tudo, toma sua decisão; finca o pé. Ou vai construir, ou não vai; ou vai guerrear, ou não vai. Em qualquer das hipóteses ele tem que arcar com as conseqüências da sua decisão. É assim com o discipulado--o ingresso tem que ser um ato pensado, uma tomada de posição. Creio que é disso que Paulo escreve em Romanos 12:1 quando fala em apresentar os nossos corpos em sacrifício vivo. A palavra "corpos" deve ser um caso de sinédoque, onde o corpo representa a vida (se dou o corpo acaso a alma pode ficar para trás?). O "apresentar" deve ser a entrega consciente, sem reservas. Meu irmão, você já se entregou sem reservas a Jesus? Senão, não é discípulo dEle, e nem pode fazer discípulo.

Sei que esta discussão pode suscitar alguma inquietação no leitor. Parece que estou sendo um tanto radical. Reconheço. É que estou partindo duma definição radical de "discípulo", exatamente a definição dada pelo Senhor Jesus conforme constatamos em Lucas 14:25-33. "Discípulo" tem compromisso total com Ele.

Gostaria de enfatizar novamente que a entrega absoluta é a chave do crescimento espiritual. Sem essa entrega o crente permanece criança (espiritualmente) e tem um crescimento paulatino (se é que tem). A entrega, que deve ser renovada cada dia, permite ao Espírito Santo ação livre na sua vida, e com isso ele pode crescer rapidamente. Tudo depende da entrega, pois Deus respeita o nosso arbítrio. Essa entrega sem reservas é também o fator principal no enchimento e capacitação do Espírito, indispensáveis para que possamos efetivamente alcançar o mundo perdido.

Ingressar na condição de discípulo é uma coisa, mantê-la em pé é outra. Não é nada automático. Nem o "batismo no Espírito" garante. Já comentamos o tomar da cruz cada dia e o sacrifício vivo. É totalmente necessário renovarmos cada dia nossa disposição de abraçar a vontade de Deus em tudo. É uma atitude a ser renovada cada hora--enfim, sempre que preciso. Agora, escrever estas palavras é fácil, mas fazer é outra coisa! A luta diária do discípulo está justamente aí, manter em pé o

relacionamento. O fato é que a gente precisa de ajuda. Um dos maiores benefícios de compartilhar o discipulado com outros é o exemplo e estímulo que os participantes recebem mutuamente. O compartilhar tem um efeito fiscalizador que ajuda. E quando "abrimos o jogo" os outros podem interceder especificamente pela gente--outra ajuda importante. Ser discípulo sozinho é possível, mas é difícil. Contudo, além dos benefícios do compartilhar existe um ingrediente indispensável ao discipulado.

Em João 8:31 Jesus disse a uns que haviam crido nEle: "Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos." E se não permanecer? (E como permanecer se não existe, na língua da gente?) Em 2 Timóteo 3:16-17 lemos assim: "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra." Um homem de Deus perfeito e perfeitamente habilitado só pode ser um discípulo que está levando a sério mesmo. A expressão "a fim de que" nos faz entender que é o uso da Escritura Sagrada que leva a essa condição. 1 Pedro 2:2 nos ensina que a Palavra é nosso alimento; precisamos dela assim como nenê precisa de leite. Salmo 1:2-3 deixa claro que nossa saúde espiritual depende da "lei do SENHOR"; é nossa água espiritual e necessitamos dela todos os dias. Aliás, devemos mesmo é meditar nela. Em Josué 1:8 o próprio Deus recomenda a Josué meditar no livro da lei dia e noite, e promete o resultado seguinte: "então farás prosperar o teu caminho e serás bem sucedido". Enfim, é impossível ser discípulo de Cristo sem acesso efetivo à Palavra de Deus.

Novamente estou sendo radical; por "ser discípulo" refiro-me ao manter em pé da condição. Mas será mesmo necessário meditar na Palavra cada dia? Bem, aí estão vários textos relevantes, entre outros. Se devemos nos exhortar cada dia, "por causa do pecado que engana" (Heb. 3:13), quanto mais não devemos olhar em nosso "espelho" (Tiago 1:22-25) e nos expor à "espada do Espírito" (Heb. 4:12, Ef. 6:17) cada dia?

Mas como poderia o Apóstolo Paulo discipular, e como ficaria a situação dos justos do Antigo Testamento? Devemos lembrar que Salmo 1:2-3 e Josué 1:8 (e Deut. 32:47) são do Antigo Testamento, mas creio que as "regras do jogo" mudam um pouco com a progressão da Revelação. Temos mais que os justos do Antigo Testamento, e certamente Deus vai nos cobrar mais. Para exemplificar, o padrão da graça é mais elevado que o padrão da lei. A lei exigia o dízimo, a graça exige 100% (Lc. 14:33). A Lei exigia amar ao próximo como a si mesmo, a graça exige amar ao irmão assim como o Pai ama o Filho (João 13:34 e 15:9)! E temos o Espírito Santo que habita em nós. Creio também que a geração dos Apóstolos foi de certa forma uma época de transição. Mesmo assim, Paulo se empenhou no sentido de escrever o que faltava, complementando o material neotestamentário que já existia e que vinha aparecendo. Despedindo-se dos efésios ele não deixou por menos, dizendo: "encomendo-vos a Deus e à palavra da sua graça que é poderosa para vos edificar e dar herança entre todos os santificados" (Atos 20:32). Sei que embora os padrões que

a Bíblia coloca sejam absolutos, ou pelo menos apresentados em termos absolutos, o nosso viver não é absoluto. Sei. Mas o alvo aí está e não me atrevo a diminuí-lo. Vamos agora à segunda questão.

Fazer Discípulos de Quem?

Para começar, toda e qualquer pessoa se enquadra no âmbito das ordens de Cristo, e portanto é alvo legítimo da tentativa de discipular. Claro. Isto posto, no entanto, gostaria de voltar à ordem em Mateus 28:19, "fazei discípulos em todas as etnias". Através dos séculos e milênios Deus tem demonstrado sua preocupação com o bem estar de todas as etnias do mundo. A primeira declaração aberta dessa preocupação está na aliança abraâmica: "em Ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gen. 12:3). Podemos vislumbrar a importância que Deus dá ao assunto pelo fato inédito dEle repetir essa afirmação quatro vezes mais, a saber em Gênesis 18:18, 22:18, 26:4 e 28:14! Hebreus 6:13-18 explica que ao jurar por si mesmo (ver Gen. 22:16-18) Deus deu a garantia máxima ao propósito declarado. Todas as famílias da terra terão que ser abençoadas. Tanto Pedro (ver Atos 3:25) como Paulo (ver Gal. 3:8) ligam o Evangelho de Cristo à promessa divina de abençoar todas as famílias da terra. No Novo Testamento várias passagens reafirmam esse propósito de Deus: Mateus 12:21 e 24:14, Marcos 13:10, Lucas 2:32 e 24:47. Grande parte de Atos e do ministério de Paulo de forma geral tem a ver com as nações. Apocalipse 5:9 (onde todos os manuscritos gregos menos um dizem: "com o teu sangue nos compraste para Deus de toda a tribo, e língua, e povo, e etnia"), 7:9 e 14:6 são enfáticos, e para terminar, Apocalipse 22:2.

Muito bem, o Senhor Jesus quer discípulos em cada etnia. Já no primeiro capítulo explicamos que devem existir pelo menos 6.000 etnias no mundo, das quais umas 200 no Brasil. E boa parte delas, tanto no Brasil como no mundo, não tem porta-voz de Cristo ainda. Pior ainda, dois terços das etnias do mundo (e do Brasil) não têm sequer um versículo da Palavra de Deus na sua língua. Como já demonstramos, sem a Palavra é impossível manter em pé a condição de discípulo; de modo que, no momento, estamos sem jeito de fazer discípulos junto a 4.000 etnias. Dá para agüentar isso?

Quando falamos em 2.000 etnias sem obreiro, ou 4.000 etnias sem Escritura, creio que devemos esclarecer um detalhe. As etnias ainda não alcançadas são povos minoritários. Embora a maioria dessas etnias sejam compostas por milhares e dezenas de milhares de pessoas (e até centenas de milhares), existem etnias com menos de mil pessoas. No Brasil (e na Austrália) têm muitas etnias bem reduzidas, às vezes com menos de cem pessoas. Imediatamente uma indagação invade a mente. Será que vale a pena tentar alcançar um povo assim? (Lembrar que trabalho transcultural pioneiro é pelo menos dez vezes mais difícil que evangelismo na sua própria língua e cultura—pode levar anos para conseguir discípulo.)

Tamanho importa? Jesus mandou fazer discípulo só nas etnias com pelo menos mil pessoas, ou dez mil? Jesus não mandou pregar a cada pessoa? (Uma etnia reduzida a um único sobrevivente ainda estaria dentro

do âmbito da ordem.) Aqui eu gostaria de fazer umas perguntas aparentemente simplórias. Alguém escolheu quem viria a ser seu pai ou sua mãe, onde viria nascer, de que cultura viria fazer parte? Não escolhi nascer de pais seguidores do Senhor Jesus, para uma língua que tem a Bíblia há séculos, numa cultura que me permite escolher qualquer carreira que o mundo atual oferece. Não escolhi, nem mereci; Deus me deu. De igual modo, nenhum índio catauixi escolheu nascer em plena selva amazônica, para um povo reduzido, desprezado, perseguido, explorado e quase acabado, com uma língua que sequer tem forma escrita (ainda), numa cultura que o condena a morrer na selva sem nenhum conhecimento do Evangelho após uma vida de luta contra os demônios e o "inferno verde" (quem chamou a selva de "inferno verde" certamente andou por lá uma vez, pois acertou). Também ele não escolheu.

Agora eu gostaria que você pensasse em tudo quanto Jesus representa na sua vida, não só agora mas no porvir. Pronto? Agora vou pedir uma ginástica da imaginação. Procure imaginar que nada disso você tem, que de repente você trocou lugar com um catauixi e você está lá sem Cristo, sem esperança e sem saída, e é ele que está aqui. Nessa hipótese você não gostaria que alguém achasse que valesse a pena chegar até você com a luz do Evangelho?

Dito isso, quero deixar bem claro que não estou aqui para fazer um apelo emocionante. Não quero que todo mundo saia correndo selva adentro para ver se acha um índio para evangelizar. Antes, eu diria "não vá!", a não ser que tenha certeza que é a vontade de Deus para sua vida. Trabalho transcultural é muito difícil e não se faz na base de apelo emocionante, e nem na base de romantismo, mas sim na certeza inabalável da vontade específica de Deus para sua vida. Não há emoção nem idéia romântica que agüente a realidade.

Irmãos, temos que levar a sério o desafio das etnias não alcançadas. No momento que assim fizermos vamos enfrentar várias implicações, mas antes de comentá-las vejamos a terceira questão.

Como Fazer Discípulos?

O primeiro passo é ser discípulo. Vem ao caso tudo que já se expôs a esse respeito. Tudo o mais está resumido em Mateus 28:20: "ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado". Discipular implica em ensinar. Ensinar o quê? Ensinar a guardar, isto é, obedecer. Obedecer o quê? Obedecer todas as coisas que Jesus ordenou. Como ninguém vai obedecer coisa que ignora, é necessário primeiro ensinar as próprias coisas que Jesus ordenou--nada melhor nesse sentido do que seguir o exemplo de Paulo, ensinando "todo o conselho de Deus" (Atos 20:27).

Será que se faz assim na maioria das nossas igrejas? Não é mais mensagens evangelísticas que se ouvem? Mas pregação evangelística é praticamente inútil para crente. Ele vai fazer o quê, salvar-se de novo cada domingo? Ali está um crente que tem freqüentado a igreja

dominicalmente durante vinte anos; mais uma vez ele vai e escuta o quê--ele ouve pela milésima vez como é que se salva. Mas ele já está salvo! Essa pregação é sem valor para ele; entrou com fome e sai com fome do mesmo jeito. Que tragédia! Comida de bode não serve para ovelha! (Refiro-me a crente e incrédulo, assim como em Mateus 25:33.) No entanto, se têm 300 ovelhas e três bodes num culto, já viu! A pregação vai em cima dos três bodes. E se têm 300 ovelhas e nenhum bode--a pregação vai em cima dos bodes que não estão! É ou não é? Meus amados irmãos, comida de bode não serve para ovelha. Agora, comida de ovelha bode também pode comer. Se o pastor oferece uma refeição farta, bem preparada e temperada, pode dar vontade de comer em qualquer bode. Será que não? Mas o principal é que as ovelhas saiam bem alimentadas. Afinal, o negócio é fazer discípulos, e é esse o enfoque que deveria dominar os nossos cultos.

Até aqui eu vinha pressupondo a existência da Bíblia na língua do povo. Para ensinar a Palavra ela tem que existir. Certo? Quando Jesus disse em João 8:31, "se permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos," fatalmente estava pressupondo a existência dessa Palavra, pois como permanecer numa coisa que não existe? Quer dizer, tem que existir para a pessoa; a pessoa tem que ter acesso efetivo à Palavra. Então, se Deus te mandar para uma das 4.000 etnias que nada têm da Bíblia ainda, como você vai fazer?

Mesmo que você ache que basta evangelizar, com que autoridade vai falar se não existe Palavra de Deus na língua? E não estaria esquecendo da verdade que encontramos em Romanos 10:17, "a fé é pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus"? E se você conseguir algum convertido mesmo assim, onde está o alimento para essa criança recém-nascida? Como poderá chegar a ser discípulo? Se alguém não providenciar a Palavra de Deus nessa língua, esse convertido fica condenado a ser sempre criança. Está bom? Condenar um povo a ser sempre criança? Essa não!

Entre as ordens de Cristo não há nenhuma que mande traduzir a Bíblia. Só tem a Grande Comissão que manda fazer discípulos. Mas no momento que entendemos que é impossível ser discípulo sem acesso efetivo às Escrituras, o fornecer das mesmas torna-se logicamente necessário. Não há como cumprir a Grande Comissão junto às 4.000 etnias sem sequer um verso da Bíblia enquanto alguém não traduz a Palavra para suas línguas. É por isso, diga-se de passagem, que o grupo Wycliffe para tradução da Bíblia, a nível internacional, e a missão brasileira ALEM (Associação Lingüística Evangélica Missionária) fazem questão de ver a Palavra de Deus traduzida para cada língua que se fala no mundo (isso levando em consideração fatores como bilingüismo e extinção de língua).

Onde a Bíblia já existe mas há crentes analfabetos devemos montar cursos de alfabetização nas igrejas para que cada um possa se alimentar em casa. Creio existir uma analogia bastante estreita entre os âmbitos físico e espiritual no que diz respeito à alimentação. Já pensou, comer só aos domingos? Quem agüentaria fazer assim no âmbito físico? Mas multidões

de crentes fazem exatamente assim no âmbito espiritual. Tem jeito? Crente que sabe ler e possui Bíblia passa fome porque quer--poderia ler e meditar na Palavra em casa. Já crente analfabeto está quase sem jeito, a não ser que alguém leia para ele em voz alta, ou a viva voz ou mediante uma gravação. Mas nesse caso como poderá estudar a Palavra, e meditar nela à vontade? Parece-me claro que a melhor opção é levar as pessoas a ler por conta própria, sempre que possível. Sei que existem missiólogos que vão discordar da ênfase que estou dando à alfabetização e à leitura, principalmente para povos cujos idiomas eram ágrafos até há pouco e que estão acostumados a fazerem tudo oralmente. Respeito as opiniões contrárias, mas por todos os argumentos já apresentados mantenho a posição aqui esboçada. Vamos ver se levamos todo mundo a meditar na Palavra em casa, diariamente.

No que diz respeito a trabalho transcultural creio que só conseguiremos fazer discípulos se respeitarmos a língua e cultura do povo--assim como fez Jesus. Ele se encarnou na língua e cultura dos judeus da época (João 1:14). No dia de Pentecostes o Espírito Santo respeitou a língua materna de cada qual ao ponto de fazer milagre para garantir que cada um ouvisse mediante ela (Atos 2:4-11). Enquanto um missionário não vestir a língua e cultura do povo, e (mais importante ainda) enquanto a Palavra de Deus não for vertida para essa língua, o Evangelho fica condenado a ser sempre uma coisa estrangeira, uma coisa de fora. Será que qualquer porta-voz de Cristo não deveria se interessar por tornar seu ministério o mais eficiente possível?

Não é difícil encontrar pessoas que andam ministrando através de intérprete. Mas eu gostaria que refletíssemos um pouco na seguinte pergunta: é possível fazer discípulos mediante intérprete? Quem falar através de intérprete não tem como fiscalizar as alterações que o intérprete fatalmente vai introduzir. Fatalmente. Quando o intérprete é servo de Cristo, está por dentro do assunto da mensagem e é tranqüilamente bilíngüe então o recado poderá ser entregue de forma adequada (embora quase nunca tão bem como se o preletor dominasse a língua dos ouvintes). Mesmo com um intérprete assim, no entanto, numa tentativa de discipular alguém, não seria o intérprete que discipula em vez do missionário? Agora, quando o intérprete nem é convertido, a mensagem será fatalmente deturpada, muitas vezes de forma irreconhecível. O intérprete vai filtrar a mensagem por sua própria cosmovisão, inescapavelmente, mesmo inconscientemente. Se o missionário pudesse entender o que o intérprete realmente está dizendo ficaria horrorizado e arrasado! Dificilmente se faz discípulo mediante intérprete.

E cuidado com o bilingüismo. Muitos missionários se contentam em ministrar através duma língua franca ou nacional, mesmo quando lidando com pessoas que têm outra língua materna. Creio que raramente se conseguirá fazer discípulo através de uma segunda língua (quer dizer, não a língua materna), por mais bilíngüe que o evangelizando pareça ser (para comprar e vender ou tratar de assuntos corriqueiros ele pode até ser

fluente na língua franca), pois quase sempre a vida espiritual de uma pessoa se processa na língua materna. Aqui eu poderia relatar vários exemplos dentro da minha própria experiência e do próprio conhecimento. Quando alguém é tão bilíngüe que tem praticamente duas línguas maternas (por assim dizer), ou se chegou até o nível superior (universidade) numa segunda língua, então essa língua poderá servir--é que aí ele já conseguiu o domínio de idéias abstratas e filosóficas nessa língua. Mas tais casos são muito poucos diante dos 350 milhões de pessoas que compõem as 4.000 etnias sem um versículo da Palavra de Deus. É claro que devemos traçar os planos e as táticas a fim de enfrentar e resolver o grosso, não as exceções. Cuidado com o bilingüismo!

Conclusão: Quem for fazer trabalho transcultural deve se esforçar para dominar a língua e a cultura do povo para o qual for enviado. Se não existe Escritura na língua ainda, deve fazer por onde providenciá-la. Onde já tem a Bíblia devemos incentivar o seu uso, por todos os meios. Enfim, devemos ensinar a obedecer todas as coisas que Jesus ordenou. E nós temos que dar o exemplo, pois para fazer discípulo é preciso ser discípulo. Vários ministérios e missões têm preparado material que fornece instruções detalhadas acerca do discipulado. Qualquer livraria evangélica terá livros sobre o assunto, à disposição do interessado.
Implicações

Encerrando este capítulo gostaria de tecer umas rápidas observações sobre algumas implicações de tudo isso. Primeiro, sua compreensão da ordem e estratégia de Cristo vai determinar seu procedimento, sua maneira de trabalhar, fatalmente. Se alguém quer fazer uma barraca de palha, vai seguir um procedimento e utilizar material apropriado para tal. Se outrem quer edificar um prédio de vinte andares, aí o procedimento e o material vão ser bem diferentes. É evidente que nem todo mundo tem condições de construir um prédio de vinte andares--requer preparo adequado. Similarmente, nem todo obreiro tem condições de alimentar as ovelhas. Muitos não sabem estudar, não sabem como analisar e interpretar o Texto Sagrado. Não sabem preparar comida para ovelha--falta preparo. (Comida para bode qualquer um faz; bode come quase tudo.) Quando um pastor trabalha oito horas por dia numa atividade secular, será que vai ter tempo e energia para preparar refeições boas? Parece-me ser uma questão que merece ser estudada. Se vamos levar a sério a estratégia de fazer discípulos poderemos enfrentar a necessidade de fazer algumas modificações nas nossas vidas. Fazer discípulo é uma coisa; meramente ganhar alma é outra.

Por favor, não me entendam mal! Não estou combatendo o ganhar almas; não sou contra o evangelismo. É claro que temos de ganhar as almas—ninguém pode crescer sem nascer! Os problemas aparecem quando ficamos só nisso, quando não criamos nossos filhos. Também não estou propondo desprezo para com o dom de evangelista. Se você tem esse dom, graças a Deus! Só gostaria de sugerir que ao exercitar o dom tenha o cuidado de não deixar um rasto de menor abandonado. Deve se associar a

quem tenha o dom de ensino para que juntos possam fazer um serviço melhor.

Quando enfatizamos as 2.000 etnias sem porta-voz de Cristo, ou as 4.000 línguas sem versículo da Bíblia, não é para sugerir que todos devam ir a outro povo, absolutamente. Imagino que se todo crente estivesse igualmente disponível na mão de Deus Ele não mandaria mais do que 10% para outros povos. Primeiro, trabalho transcultural é muito difícil e nem todos têm capacidade para tanto. Segundo, é preciso que alguém fique discipulando por aqui. Terceiro, trabalho transcultural pioneiro exige tempo integral e portanto os obreiros que enfrentarem esse serviço precisarão de sustento integral--alguém tem que trabalhar para produzir esse sustento. Nem todos devem ir, mas todos têm obrigação perante a Grande Comissão de Cristo. Todos devemos interceder, contribuir, divulgar e incentivar. Tudo que fazemos deve ser em prol do reino de Cristo aqui na terra.

Já disse, nem todo mundo deve ser obreiro transcultural, mas todos devem ser discípulos e fazer discípulos, cada um no lugar e na função que Deus determinar. Entendo que Jesus quer seus discípulos atuando em todas as áreas e profissões honestas da nossa sociedade--sendo discípulo e fazendo discípulo. Qualquer um pode vestir a fachada de "santinho" aos domingos, na igreja, mas refletir adequadamente o caráter de Deus no "batente" durante os dias úteis, aí a coisa muda de aspecto. A dona de casa faz discípulos dos próprios filhos, das vizinhas e das crianças delas. Professor e aluno fazem discípulos na escola. Carpinteiro, motorista, advogado, bancário, comerciante, político, etc., etc., cada um sendo discípulo e fazendo discípulos no seu ambiente. Penso que é assim que devemos fazer nosso evangelismo. Em vez de levar bode à igreja para ser evangelizado, devemos ganhá-lo primeiro e então levar o novel cordeiro à igreja para ser alimentado e discipulado. Penso que o ministério da Palavra em nossas igrejas deve girar em torno das ovelhas, não dos bodes.

Resumindo, a ordem (e estratégia) de Cristo é fazer discípulos, não meramente ganhar almas. Criança não trabalha; dá trabalho. Aqui termina a exposição do primeiro quesito colocado no final do capítulo anterior. Por tudo que acabamos de ver, torno a afirmar que é imprescindível que candidato a missionário seja um discípulo genuíno de Jesus Cristo. Caso contrário há de fracassar. Mas ainda mais importante, se possível, é o segundo quesito: tem de saber como conduzir a guerra espiritual.